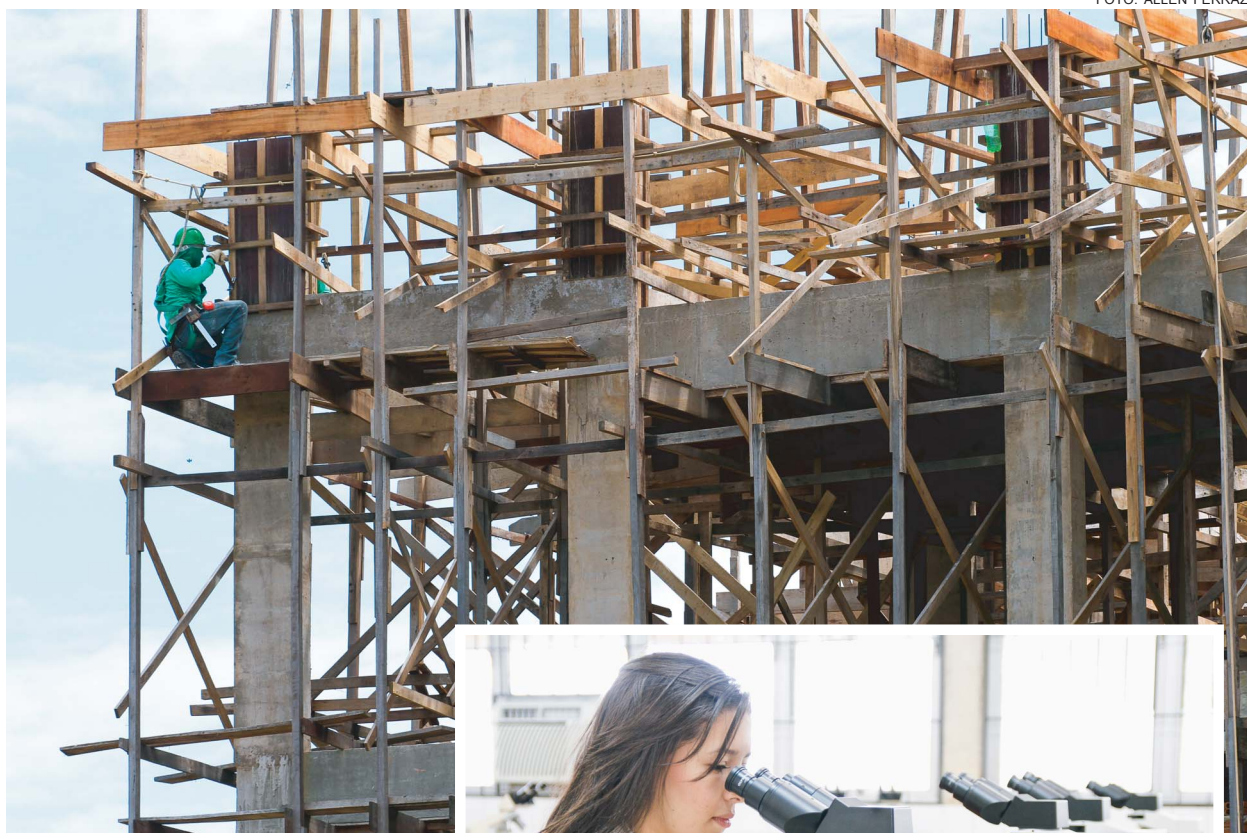




Números garantem crescimento da Ufac

Páginas 6 e 7



Tese analisa problemas e desafios do SUS

Página 12

FOTO: FRANCISCO DANDÃO

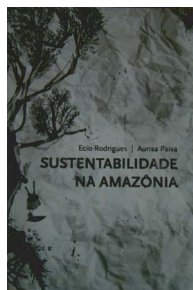
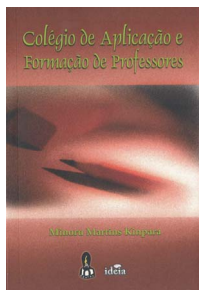
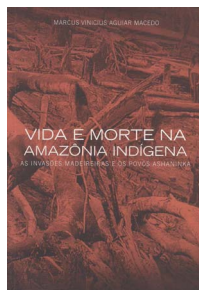


Doutora Valéria Rodrigues da Silva



Livros e Idéias

Página 10



ENTREVISTA

José Ivan fala sobre a política de editoração da Ufac

Página 11



CAp 30 anos depois

Página 4

Formação de Recursos Humanos é meta da Prodegep

Página 8

Saberes indígenas em Cruzeiro do Sul

Página 10

Minter e Dinter para qualificação docente

Página 3



Ufac e Seap desenvolvem projeto de criação de animais silvestres

Página 9

O valor da floresta e a Ufac

* ECIO RODRIGUES



A lastra-se no mundo um consenso acerca da Amazônia, de grande importância para as instituições de ensino e de pesquisa que atuam na região. Não seria novidade, contudo, se esse consenso se referisse à necessidade de se proteger o maciço florestal, o maior do planeta, sua biodiversidade e suas águas.

Também não seria surpreendente se o dito consenso girasse em torno do reconhecimento, pelo mundo, que desmatamentos e queimadas representam os mais danosos impactos ambientais na Amazônia e, o que é assustador, o maior risco de destruição do respectivo ecossistema florestal.

Finalmente, não se está a falar de uma terceira e antiga consonância: o fato de que as atividades produtivas que favorecem o desmatamento são aquelas que dependem de terra para obter escala de produção, como a pecuária de gado, o cultivo da soja e o da cana-de-açúcar.

Ora, que é preciso proteger o ecossistema florestal, e que o desmatamento é o maior obstáculo para essa proteção, não se tem qualquer dúvida desde a década de 1990. Tampouco não se duvida que os desmatamentos visem a substituição da floresta por monocultivos.

Diferentemente do que se supunha, porém, não será por meio do poder de polícia estatal e do investimento pesado em fiscalização que se alcançarão os ideais de sustentabilidade para a Amazônia - ideais que mantêm o desmatamento-zero como sua mais importante referência. Vale dizer, existe um desmatamento que é legalizado, per-

mitido, cuja prática jamais possibilitará que se passe um ano sequer na Amazônia sem desmate.

Valorizar a floresta: é este o novo consenso, o conceito inovador.

Deve-se entender, contudo, o conceito de valorização da floresta não apenas como a estipulação de um preço - ou precificação, como dizem os economistas -, mas, sobretudo, como o reconhecimento de que o ecossistema florestal presta para a sociedade um rol de serviços para os quais o sistema econômico deve atribuir uma medida de valor.

Estimativas simplórias dão conta de que basta a remuneração pelo sequestro de carbono, ou limpeza do ar, para que o ecossistema florestal amazônico amplie seu valor por hectare - a ponto de gerar mais renda para o produtor que maneja a floresta que qualquer outra atividade produtiva que presuponha o desmatamento.

Entretanto, o consenso a respeito da urgência em se estruturar uma economia de baixo carbono está vinculado a um tópico adstrito às universidades e instituições de pesquisas: o da inovação tecnológica.

Estamos na fase de calcular, por exemplo, quanto vale o serviço referente à purificação da água, manutenção do equilíbrio hidrológico dos rios e garantia da pesca que é prestado por cada hectare de floresta presente numa mata ciliar.

Trata-se, portanto, de se atribuir valor econômico para a biodiversidade existente na floresta. É este o caminho para uma economia de baixo carbono e para a sustentabilidade da Amazônia. E a Ufac não pode se afastar dele.

* Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do curso de Engenharia Florestal da Ufac.

A Extensão da Ufac chega ao Cras ou vice-versa?

* ALEJANDRO FONSECA DUARTE



Alunos da Universidade Federal do Acre (Ufac) e bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Maria Antônia da Silva Souza, Teresa da Silva Carneiro, Francisco Eidem da Silva Costa e Verônica Araujo da Silva, que atuam no Grupo de Estudos e Serviços Ambientais da Ufac, tiveram uma experiência enriquecedora ao participar do Curso de Extensão Serviços sociais e ambientais em hidrologia, meteorologia e clima na Amazônia”, realizado junto ao Centro de Referência de Assistência Social (Cras) da

Baixada do Sobral.

Sobral é um nome tão bonito como Quinari e todos os demais historicamente originais. Por isso perderam na psicologia dos moradores, vizinhos e doutros relacionados com o lugar, embora tentem mudá-los por um sol artificial e um senador.

Os alunos do curso foram jovens, adultos e idosos, moradores do bairro, que guardam uma sabedoria acumulada pelas vivências. Eles sofreram e sofrem de alagações e da falta de infraestrutura e de condições básicas para a vida. Foi bonita a satisfação de receber esses alunos em visitas a laboratórios

O Cras Sobral está de parabéns. Seu apoio e entusiasmo, demonstrados ao longo da realização dos encontros, deixou estabelecido um vínculo de trabalho no tema Universidade e Sociedade, muito importante para o desenvolvimento.

na Ufac e em áreas experimentais de campo, distantes da cidade de Rio Branco. A troca de conhecimentos permitiu acompanhar as suas curiosidades em saber mais e mais sobre a alternância anual das estações de chuva e seca, de como se medem e interpretam os valores das variáveis meteorológicas, das peculiaridades da bacia hidrográfica do rio Acre e da relação permanente entre a sociedade e seu ambiente.

Mediante o uso da computação eletrônica, mapas e imagens, os alunos identificaram suas casas, o curso do rio Acre e igarapés em Rio Branco, bem como as áreas alagadiças nos bairros

Taquari, Cadeia Velha, Ailton Sena, Aeroporto Velho e outras.

Ônibus da Universidade Federal do Acre trasladaram os alunos a conhecer as nascentes do rio São Francisco e participar de uma atividade extraordinária no parque “Chico Mendes”. Um encontro de confraternização, organizado pelo Cras Sobral, encerrou o curso da maneira mais simples e carinhosa possível. O Cras Sobral está de parabéns. Seu apoio e entusiasmo, demonstrados ao longo da realização dos encontros, deixou estabelecido um vínculo de trabalho no tema Universidade e Sociedade, muito importante para o desenvolvimento.

Obrigado pela oportunidade!

*Coordenador do Grupo de Estudos e Serviços Ambientais da Universidade Federal do Acre - Ufac -.

Caminhos e descaminhos da lenda do judeu errante na Amazônia

* SIMONE DE SOUZA LIMA



Muitos já leram ou ouviram falar sobre a narrativa *Judas Asvero*, de Euclides da Cunha, um curioso texto caracterizado como um misto de ensaio ou crônica literária, escrito alguns anos antes de sua morte, ocorrida em 1909. A leitura do texto nos dá a oportunidade de refletir sobre a alteridade a partir do corpo monstruoso de *Judas Asvero*, vitimado por castigo atroz por sua sovinice ao filho de

Deus, cerne da cultura judaico-cristã. Deslocando a lenda judaico-cristã para o contexto da Amazônia acreana, Euclides da Cunha nos apresenta aos sentidos os mecanismos de poder no interior dos seringais amazônicos e suas consequências na vida dos seringueiros, a lutar pela sobrevivência com sua família, sob a dominação do poder dos padrões seringalistas que os submetia a sistema de trabalho escravo.

A re-apropriação do tema da lenda do *Judeu Errante* possibilitou a Euclides da Cunha unir as duas pontas da trajetória dos bravos nordestinos atuantes desde o confronto de Canudos – retratados em *Os Sertões* (1902) e, no início do século 20, nos

seringais amazônicos (1907). Além disso, o autor d'*Os Sertões* antecipa, em nível simbólico, a dispersão e a violência contra o povo judeu na Alemanha, a *shoah*. Além disso, à *recriação* da fabulosa lenda do *Judeu Errante* no cenário geográfico amazônico dos seringais, Euclides da Cunha mostra a trajetória diaspórica do nordestino seringueiro, outra população desterritorializada. Aproveitando-se da popular festa do *Sábado de Aleluia*, a narrativa do *Judas Asvero* funde em si mesma dois eventos culturais de massa com a intenção de proceder à amostragem das lutas e sofrimentos dos seringueiros nordestinos nos seringais amazônicos.

Nesse breve texto chamamos a atenção de nossos leitores para o tema da *diáspora* através de um duplo viés: a apropriação e uso simbólico da *lenda do Judeu Errante*, vagando agora pelas sinuosas águas e florestas amazônicas; e a narração da deambulação dos retirantes nordestinos pelas espacialidades amazônicas em situação de escravidão e abandono no interior dos seringais. Segundo a pesquisadora Lyslei Nascimento – “A lenda do Judeu Errante é uma narrativa de teor antisemita que relata a

história do remendão Asverus, que, ao recusar um copo de água a Cristo rumo ao Calvário, recebe deste um castigo exemplar: errar pela terra sem morrer até o fim dos tempos. A imortalidade – desejo de todo ser humano – seria, pois, para o judeu, um castigo”. (NASCIMENTO, Lyslei. **Borges e outros rabinos**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 189).

Condenado a vagar tal qual o seringueiro, pelos rios que são as estradas moventes amazônicas; como os seringueiros – *Judas Asvero* desfilará pelos rios da Amazônia seu *desterro* de viajante solitário em deambulação por terras distantes de seu torrão natal. Resignado, esquecido, vítima da fatalidade, excomungado pela incivilidade, vítima de sua própria ambição – como o seringueiro, como afirma o narrador num trecho de *Judas Asvero*, o personagem simbólico sofrerá todo tipo de violência, sem ser destruído, qual espantalho condenado ao desterro sem fim.

* Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do Centro de Educação, Letras e Artes da Ufac.

JORNAL DA
UFAC

E X P E D I E N T E

Reitora: Olinda Batista Assmar
Vice-Reitor: Pascoal Torres Muniz
Assessor de Comunicação: João Petrolitano Gonçalves de Assis (MTb/AC 0120/08)
Edição: Francisco de Moura Pinheiro (MTb/AC 085)
Textos e Fotos: Allen Ferraz, Cláudio Porfiro, Francisco Dandão, Jahnnnyne Lima, Jéssica Ramos, João Petrolitano e Magda Tomaz
Apoio Editorial: Gustavo Ribeiro, Jersimar Silva e Veridiano Barroso
Tiragem: 2.000 exemplares
Diagramação: Edson Carrilho de Souza
Email: ascom@ufac.br Telefone (068) 3229-1799. Site: www.ufac.br

Programas de Minter e Dinter qualificam o corpo docente da Ufac

JAHNNYNE LIMA

A capacitação de servidores públicos sempre se apresenta como um compromisso que acarreta possíveis dificuldades à administração de qualquer empresa ou instituição. O valor do investimento, bem como o tempo que se leva para aplicar a capacitação e para colher os frutos são alguns dos principais fatores dessas dificuldades. Quando o compromisso é com a educação, aí então o tempo para a qualificação do quadro é ainda mais precioso.

A Universidade Federal do Acre (Ufac) não difere da realidade das demais instituições públicas, principalmente quando o assunto é qualificação do quadro docente, bem como de servidores técnico-administrativos. Mas a Ufac tem a qualificação dos seus docentes como prioridade e tem buscado atingi-la por meio de programas e propostas de mestrados e doutorados interinstitucionais, Minter e Dinter, respectivamente.

A doutora Rusleyd Maria Magalhães Abreu, pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (Propeg) da Ufac, assegura que essa alternativa tem grande valia, uma vez que a instituição e a própria educação anseiam por melhorias em curto e médio prazos. “Programas interinstitucionais como esses possuem extrema importância, pois capacitam os docentes em uma maior quantidade

e em pouco tempo. Além disso, promovem a nucleação de novos programas de pós-graduação institucional, criação de grupos de pesquisa e fortalecimento dos cursos de graduação. Portanto, o resultado é significativo”, garante.

Estes programas interinstitucionais há algum tempo estão sendo formatados e recebidos pela Ufac, porém em uma quantidade ainda pequena. “Recentemente, o Dinter em Educação com a UFMG formou doze doutores e a repercussão é extremamente positiva, pois os referidos doutores estão formando grupos de pesquisa e apresentando trabalhos em eventos.

Estão representando bem a Ufac nos eventos nacionais e alguns, até, internacionais. O resultado, então, é visível em curto prazo. Ou seja, é excelente para a instituição”, enalteceu a pró-reitora.

A atual administração assinou convênios para programas de mestrado e doutorado em Saúde Pública com a Universidade de São Paulo (USP) e mestrado e doutorado em Educação com a Universidade Federal Fluminense (UFF)

aprovamos foi o mestrado em Ciência, Inovação e Tecnologia para a Amazônia, que foi criado em 2011, com conceito três. Além disso, tivemos na nossa administração, os cinco programas de pós-graduação (mestrados), com conceito três. Nenhum foi descredenciado pela Capes”, ressaltou.

A atual administração assinou convênios para programas de mestrado e doutorado em Saúde Pública com a Universidade de São Paulo (USP) e mestrado e doutorado em Educação com a Universidade Federal Fluminense (UFF). “Conquistas importantes para a educação acreana, que abrem as portas para outras propostas e novos programas de pós-graduação”, afirma a reitora Olinda Batista.

“Aprovamos agora pela agência de Capacitação de Pessoal de Nível Superior (Capes) alguns doutorados interinstitucionais nas áreas de Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos, com a UFMG; Computação, com a UFF; História Social, com a USP; Educação, com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Engenharia Elétrica, com a Universidade Federal Santa Maria (UFSM). Sendo que este último em parceria com a Uni-



Bloco sede dos programas de pós-graduação da Ufac, no Campus Universitário de Rio Branco

versidade Federal de Rondônia (Unir). E, além disso, temos um Minter em Matemática, em parceria com a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e um Minter em Enfermagem, que foi aprovado para Cruzeiro do Sul, com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)”, esclarece Olinda Assmar.

“Penso que a grande conquista dessa gestão na pós-graduação e na qualificação do corpo docente foi a aprovação destes doutorados e mestrados interinstitucionais, pois dessa forma estamos qualificando algumas das áreas que estavam bastante necessitadas. Entendo que, por conta disso, podemos dizer que na área da pós-graduação estamos dando um salto qualitativo enorme, muito significativo para quatro anos de gestão”, exaltou a reitora.

Curiosidades: Minter X Dinter - O método utilizado nesses programas interinstitucionais funciona como uma operação de guerra contra a baixa qualidade da educação, isso em nível de pós-graduação. O que consiste na oferta de uma universidade promotora oferecendo um mestrado e/ou doutorado a uma universidade receptora. Tanto um Minter quanto um Dinter são oferecidos, prioritariamente, para os servidores de uma instituição, não sendo abertos para a comunidade.

Exemplo: a instituição promo-

tora pode ser a UFMG e a receptora a Ufac. Então é um mestrado, ou um doutorado, que pode ser oferecido de uma universidade para outra. Uma universidade de grande porte para uma universidade que ainda precisa qualificar seus servidores em nível de mestrado.

A situação diferenciada é que um professor ao fazer um Minter ou um Dinter continua trabalhando na instituição, com a carga horária reduzida, ficando com 20 horas de dedicação para realizar as atividades relativas ao seu curso.

O Minter tem a duração de dois anos e o Dinter é oferecido durante o prazo de quatro anos, os quais decorrem em períodos normais dos demais mestrados e doutorados brasileiros.

O método utilizado nesses programas interinstitucionais funciona como uma operação de guerra contra a baixa qualidade da educação, isso em nível de pós-graduação

A diferença é que quando um professor é afastado para fazer um doutorado fora da sua instituição, ele vai passar quatro anos fora da sua sede. E no Dinter não, pois ele vai ficar na instituição, passando até, no máximo, nove meses na universidade promotora. Período necessário para dialogar com o orientador, para conhecer grupos de pesquisa, para fazer disciplinas e defender a sua tese. Da mesma forma ocorre com o Minter, onde o professor passa ainda menos tempo fora da instituição.

Exemplo: existe Dinter que oferece quinze vagas, permitindo, então, à universidade receptora a ca-

pacitação desse número de alunos para a instituição ao mesmo tempo. Esses alunos vão trabalhar juntos, construir uma universidade juntos, vão criar grupos de pesquisa etc. Ou seja, vão passar quatro anos trabalhando juntos como alunos e, ao término, eles vão estar aptos ao processo de nucleação.

Os próprios alunos depois de formados, os doutores, podem fortalecer os mestrados já existentes e/ou criar um mestrado na universidade.

Importante ressaltar que não apenas universidades de pequeno porte participam de programas assim. Muitas universidades de grande porte também participam de programas desse tipo, pois esse parece ser o melhor caminho para capacitar servidores em curto e médio prazos.



Reitora Olinda Assmar



Pró-reitora Rusleyd Abreu

FOTO: ALLEN FERRAZ

FOTO: MAGDA TOMAZ

Colégio de Aplicação da Ufac comemora 30 anos



FOTO: JOÃO PETROLITANO

Alunos do Colégio de Aplicação da Ufac apresentam número de poesia e música

JOÃO PETROLITANO

Criado em 14 de dezembro de 1981, através de Resolução do Conselho Diretor, o Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Acre (Ufac) recentemente completou 30 anos de existência. Para comemorar a data, a direção da escola promoveu uma série de atividades, com a participação de funcionários, professores, estudantes e administração superior da Ufac, culminando com uma apresentação artístico-musical na qua-

dra de esportes, na manhã do dia 9 de dezembro, uma sexta-feira.

Na oportunidade, o diretor Cleilton França dos Santos aproveitou para falar das origens da instituição, afirmando que o colégio foi criado “no intuito de atender a necessidade dos cursos de licenciatura da Ufac, no que diz respeito à prática de ensino e ao estágio supervisionado. Em contrapartida, nós temos aí um trabalho voltado para o ensino da educação básica, do ensino Fundamental e do Ensino Médio. E além das questões educacionais, também são desenvolvidas atividades de pesqui-

sa e extensão”.

Coincidentemente, no ano em que comemora 30 anos o Colégio de Aplicação recebeu nota máxima na avaliação levada a efeito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). “O Colégio de Aplicação tem alcançado bons índices nos indicadores do Governo Federal, fato que nós atribuímos ao trabalho incansável e à política educacional que temos aqui, juntamente, é claro, ao empenho dos professores, dos técnicos educacionais e dos próprios alunos”, explicou Cleilton França.

Horário integral no futuro

FOTO: JOÃO PETROLITANO



Cleilton Santos, diretor do Colégio de Aplicação

Sobre as ações para o futuro imediato, o diretor afirma que em breve o Colégio trabalhará em horário integral, “atendendo aí a uma perspectiva do Ministério da Educação de que o quanto mais um aluno permanece na escola, mais eleva o seu desempenho nas provas dos indicadores. Para isso, serão mobilizados todos os nossos professores, que hoje são 38, sendo 28 efetivos e dez substitutos, e também todos os nossos técnicos, que hoje somam 28. Um contingente que atende hoje a 525 alunos”.

No que diz respeito à transferência do Colégio de Aplicação, que hoje funciona no antigo prédio do Palácio da Cultura (Av. Getúlio Vargas, 654), para o Campus universitário, Cleilton Santos foi taxativo. “Eu avalio essa transferência de uma forma bastante po-

sitiva, por várias razões. Uma delas, a questão do trânsito. Nós funcionamos no centro da cidade e o trânsito é sempre muito intenso por aqui, o que faz com que se viva em permanente estado de tensão, o que não acontecerá no campus”, afirmou.

Mas o trânsito não é o único problema que ficará para trás com a mudança do CAp para o campus universitário. Cleilton fala de outras vantagens que a mudança trará. “No campus nós teremos ambientes específicos para as crianças e adolescentes, uma vez que trabalharemos com muito mais espaço do que esse que temos aqui. Para se ter uma idéia, na atual sede da escola nós não temos nem espaço para a recreação das crianças. Fato que, certamente, não se repetirá no campus universitário”, disse o diretor.

Geografia: conhecendo as diferentes realidades

ALEXSANDE FRANCO

No dia 12 de novembro de 2011 os acadêmicos do curso de geografia, licenciatura plena (6º período) e bacharelado (4º período), se deslocaram à cidade de Porto Velho para visita técnica às hidrelétricas de Samuel, Santo Antônio e Jirau.

Essa atividade foi realizada pelos professores Alexsande Franco, Frank Arcos e Rodrigo Perea, referente às disciplinas curriculares que os respectivos professores ministram no curso de Geografia.

Essa atividade faz parte de uma ação de valorização acadêmica e profissional do curso de geografia, principalmente no que diz respeito à geografia física e suas tecnologias. A idéia é continuar com as propostas de campo e visitas a outras realidades, iniciando pelo Estado do Acre e vizinhança. A escolha de campo em Porto velho deve-se à existência de uma dinâmica interessante a ser analisada devido às hidrelétricas que já foram construídas e aquelas que estão em construção.

Durante a visita técnica às hidrelétricas foi possível constatar uma série de informações, desde impactos ambientais, sociais e econômicos, como desmatamento, perda da qualidade da água, desapropriações, produção de energia elétrica, empregos e infra-estrutura. Foi, também apresentado o funcionamento de uma usina hidrelétrica por dentro, as comportas, as turbinas e a distribuição de energia. Já na visita à hidrelétrica de Santo Antônio, foi realizado o

deslocamento pelo rio Madeira onde observou-se a dinâmica fluvial, a estrutura da usina e o canteiro de obras.

É importante mencionar a observação do uso do solo durante o percurso Rio Branco – Porto Velho, pois a BR - 364 está sendo em grande parte elevada devido aos futuros impactos ocasionados pelos lagos das usinas.

A observação e análise da cidade de Porto Velho foi relevante, pois esta sofre um acelerado processo de ocupação e urbanização, acompanhado de novas oportunidades de emprego, mas também de sérios problemas sociais. Segundo a acadêmica Dhuliane Bonfante, “as atividades fora da sala de aula, na prática são importantes, pois pode-se perceber e observar as realidades. No caso das hidrelétricas foi uma experiência fantástica. Vimos os impactos positivos e negativos causados por elas.”

Para o acadêmico José Mar-done, “a aula prática (da viagem) foi importante para observar e analisar a problemática local e específica, onde pudemos constatar e confirmar tudo que vimos em sala de aula, na teoria, além de conhecer outras formas de ocupação do espaço geográfico.”

De fato, constata-se que as atividades de campo, as visitas técnicas, a observação de outras realidades é fundamental para a formação do geógrafo e do licenciado em geografia, pois são as experiências, juntamente com a teoria, que vão construir a base de um profissional de sucesso.

Professor do curso de Geografia da Ufac.

FOTO: CEDIDA



Hidrelétrica de Samuel, em Rondônia

Niead contribui para melhorar a qualidade do ensino na Ufac

Com apoio do Niead a modalidade de educação à distância (EAD) tem avançado na Ufac

JAHNNYNE LIMA

A educação à distância (EAD) está presente na Universidade Federal do Acre (Ufac) há quatro anos. Período que corresponde ao ápice de incentivo e estímulo do Ministério da Educação (MEC) à criação de programas, em nível nacional, para que as universidades desenvolvessem programas de ensino à distância, para atender principalmente as regiões de difícil acesso.

Visando a inclusão social, universidades de todo Brasil aderiram à proposta do MEC, na qual o objetivo primordial é a inclusão de pessoas no âmbito da EAD, possibilitando, assim, a grande parte da população a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos (graduação, especialização e outros). A Ufac, porém,

optou inicialmente por sedimentar toda sua estrutura, buscando estruturar pólos educacionais em alguns dos municípios do Estado.

De acordo com o professor Minoru Martins Kinpara, diretor do Núcleo de Interiorização e Educação à Distância (Niead), hoje a instituição conta com três pólos próprios que são insuficientes para cobrir os núcleos presentes nos vinte e dois municípios acreanos. Portanto, a parceria com o Governo do Estado se faz necessária. “Atualmente a Ufac conta com três pólos e o Governo do Estado possui pólos em quase todo o território acreano. Nós temos parceria com o Governo do Estado para utilizarmos esses espaços, pois todos estão cadastrados no UAB – Universidade Aberta do Brasil, pois assim, disponíveis, facilitam o alcance da comunidade-alvo”, explicou Minoru.

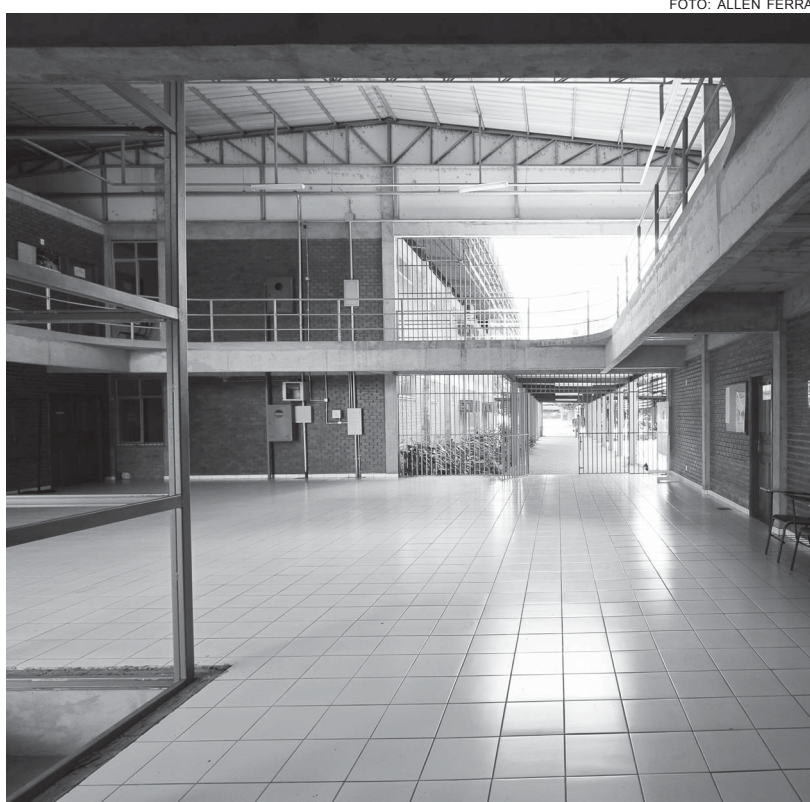


FOTO: ALLEN FERRAZ

Ufac cria infraestrutura para melhorar atividades educacionais

Ufac na UAB

A Ufac aprovou internamente, em 2011, o curso de matemática, a ser oferecido inicialmente em oito pólos, e agora está aguardando uma equipe do MEC que avaliará as condições organizacionais e estruturais da instituição para conceder a respectiva autorização de funcionamento.

“Conseguimos a inclusão da Ufac na UAB. Portanto, a partir dessa inclusão nós estamos no aguardo da aprovação do MEC para ministrar o curso de matemática já este ano. E a partir do momento que cadastrarmos esse primeiro curso poderemos ministrá-lo em qualquer pólo da UAB, tanto no Acre quanto em qualquer lugar do Brasil e até no exterior. Ao mesmo tempo estamos trabalhando num projeto de pós também da área de matemática”, ressaltou o diretor.

O papel e os projetos do Niead

O Núcleo de Interiorização e Educação à Distância (Niead) é um órgão de apoio acadêmico diretamente vinculado à reitoria da Ufac, tendo por finalidade executar as políticas e diretrizes de EAD na instituição, além de apoiar o desenvolvimento de ações desta modalidade de ensino em âmbito local.

“Durante os onze meses que estamos à frente da EAD conseguimos aprovar o curso de matemática, incluir a Ufac na junta

UAB, contratar professores e técnicos para fazer parte do corpo estruturante da universidade e dar as condições físicas adequadas para o prédio do Niead. O que tinha de ser feito em termo de estrutura e recursos humanos foi feito. A Ufac avançou muito nesse pequeno período”, declarou o diretor do Niead, Minoru Kinpara.

Atualmente a Ufac tem chegado aos municípios por meio de cursos modulares. Mais de oito mil

profissionais formados pela universidade, por meio dos cursos modulares, estão atuando nos municípios através dos vários programas conveniados, o que se torna possível graças à parceria Estado – universidade – prefeituras.

Segundo Minoru, o Acre tem destaque nacional em termos de formação de nível superior e, de acordo com o diretor, os frutos não se apresentam somente na área da licenciatura, mas também no

bacharelado.

“Na primeira quinzena de janeiro tivemos a conclusão do curso de economia em quinze municípios do nosso Estado. Então agora a idéia é, além do investimento no curso à distância, investir em projetos como o de materializar um campus no Alto Acre, que seria o Campus da Fronteira, em Brasília. O que consolidaria a presença permanente da universidade e, para o futuro, em médio

prazo, com a possibilidade de consolidar um campus em Sena Madureira. Daí estaríamos preenchendo todas as regiões”, explicou.

Para que o tráfego da EAD flua com precisão é necessário a presença da Ufac no interior, não somente com núcleos, mas com campi, uma vez que há a necessidade de continuar a oferecer cursos modulares com qualidade em todo território acreano.

Ufac estuda a implantação de novos cursos no interior

MAGDA TOMAZ

Uma reunião entre a reitora da Universidade Federal do Acre (Ufac), Olinda Batista Assmar, com representantes da Câmara de Vereadores do município de Brasiléia e pró-reitores da instituição, na última semana do mês de novembro, trouxe um novo momento para a discussão da continuidade do Plano de Expansão da Ufac no interior do Estado.

Além de Brasiléia, a proposta de expansão das atividades de graduação da universidade acreana inclui, também, os municípios de Xapuri e Sena Madureira, cidades em que já existem núcleos da Ufac. No caso de Brasiléia, já estão, inclusive, em andamento ações de planejamento para o início das obras de construção do Campus Fronteira, cuja inauguração está prevista para o primeiro



FOTO: ARQUIVO ASCOM

Representantes do interior pedem novos cursos à Ufac

ro semestre de 2013.

“Se você melhora na sua vida, é natural que o seu desejo seja de progredir sempre. Ninguém quer regredir. Sabemos das dificuldades que a Universidade tem de manter cursos nos municípios, mas Brasiléia não pode parar”, disse Eri-zete Lima, vereadora de Brasiléia.

Em Xapuri, no segundo semestre de 2010, a população reivindi-

cou por meio de audiência pública uma ação permanente da Ufac. Mesmo com a recente realização do Programa Especial de Formação de Professores para Educação Básica (Profir), identificou-se uma necessidade premente de mais cursos de licenciatura.

A diretora de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino da Ufac, Grace Gotelip, afirma que os três mu-

nicipios serão contemplados assim que for possível.

“Os municípios de Sena Madureira, Xapuri e Brasiléia estão inclusos no Plano de Extensão da Ufac. Temos, de fato, o desejo dos municípios de contar com cursos de graduação. Desejo esse que foi manifestado por uma pesquisa pública. Mas, a Ufac só poderá atendê-los quando tiver reais condições de oferecer cursos com responsabilidade e qualidade. Temos que admitir nossas limitações e dificuldades. Nesse momento, por exemplo, a instituição sozinha não tem condições de contratar um contingente suficiente de professores e técnicos administrativos para trabalharem em todos os municípios demandantes. O que poderia facilitar esse processo seria o estabelecimento de parcerias com prefeituras e com o Governo, bem como o apoio dos parlamentares”, afirma a diretora.

Para o Pró-reitor de Graduação

da Ufac, Renildo Moura da Cunha, é necessário que se reconheça as peculiaridades de cada município para poder ser feito um estudo avaliativo dos cursos que cada município tem necessidade.

“A Ufac tem que ter uma visão mais holística de modo que a universidade possa identificar e respeitar os diferentes municípios que devem ser contemplados. É necessário que a instituição apresente qualidade no ensino”, disse o pró-reitor.

Ao final da reunião, sensibilizada com o apelo dos municípios, a reitora Olinda Batista Assmar solicitou dos pró-reitores um levantamento técnico das reais condições da Ufac para o atendimento das demandas no menor espaço de tempo possível. A partir desse levantamento, será formatado um plano de implantação desses novos cursos nas respectivas cidades pleiteantes.

Números e ações a da Universidade

FRANCISCO DANDÃO

A maior das metas de uma instituição pública de ensino superior provavelmente seja a formação de profissionais qualificados, do ponto de vista técnico, bem como a capacidade destes mesmos profissionais de responder positivamente aos anseios da sociedade onde estão inseridos.

Nesse contexto, explica o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal do Acre (Ufac), proposto para o período de 2011 a 2014, a instituição acreana tem desenvolvido suas ações “constituindo-se em um referencial da educação, da ciência, da cultura e da tecnologia, através da capacitação profissional e da expansão do saber.”

“Para tanto”, continua o documento, “a Ufac vem realizando pesquisas em várias áreas do conhecimento, promovendo uma extensão das atividades institucionais, em parceria com os vários segmentos do governo, entidades e organizações da sociedade civil, de forma a participar do desenvolvimento regional.”

Os números que a Ufac exhibe hoje talvez se constituam no melhor testemunho do alcance das metas propostas pela instituição, além do que, inegavelmente, atestam o avanço desta nos últimos anos. É o que informa outro trecho do PDI (página 11).

“A Ufac possui, hoje, em pleno desenvolvimento, cursos, programas e projetos nas diversas áreas do conhecimento humano, mantendo, atualmente, 45 cursos de

graduação presenciais, sendo 33 deles mantidos no *Campus* de Rio Branco, ofertando 1.620 vagas. Os outros 12 cursos são ofertados no *Campus* de Cruzeiro do Sul (...), disponibilizando 430 vagas, nos cursos de entrada regular (...). A Universidade conta, ainda, com 05 cursos de mestrado, que ofertaram 93 vagas para ingresso no ano de 2010.”

Enem e Reuni – Em 05 de julho de 2010, por meio da Resolução nº 36 do Conselho Universitário (Consu), a Ufac aderiu ao Novo Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, como processo de seleção para ingresso nos cursos de licenciatura em Filosofia e Música e para as vagas remanescentes do Edital Vestibular 2011 do *Campus* Rio Branco e Cruzeiro do Sul. No curso de Filosofia e para as vagas remanescentes a adesão foi total. No curso de Música a adesão foi parcial (50% das vagas). No primeiro semestre de 2011, por meio de Resolução do Consu nº 16, a Ufac aderiu integralmente ao Enem.

A Ufac tem buscado, mediante diversas ações, promover a expansão da educação superior pública no Acre. Duas dessas ações estão integradas ao Plano de Expansão I e ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Em Cruzeiro do Sul, o *Campus* Floresta foi financiado pelo Plano de Expansão I, sendo que o fortalecimento e a expansão do *campus* sede, em Rio Branco, somente foram possíveis por conta da adesão, em 2007, ao Programa Reuni, que possui como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.



Campus da Ufac: espaço físico em constante transformação

As ações do programa Reuni contemplaram o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que tem o propósito de diminuir as desigual-

dades sociais do país. No entanto, informa o PDI da Ufac, “a consolidação das Ifes está ainda na pauta de discussões, pois à época da implementação do Reuni existia um déficit de recursos humanos muito grandes que esse plano não previa.”

FOTOS: ALLEN FERRAZ

Graduação: formação com qualidade

Sobre as preocupações e avanços na área da graduação na Ufac nos últimos anos, falou o pró-reitor Renildo Cunha.

“Uma das ações sobre a qual a Pró-Reitoria de Graduação mais tem refletido nos últimos tempos é no sentido de fazer, dentro da universidade, um acoplamento eficaz das atividades de ensino, pesquisa e extensão. E a partir disso, enveredar por uma discussão do ensino de graduação em si. De que modo? Pegando os projetos de pesquisa e de extensão e ver como eles podem melhorar a qualidade de formação dos alunos”, explicou.

“Outra coisa que tem sido alvo das reflexões da Pró-Reitoria de Graduação é a forma de otimizar a atividade docente, encontrando um jeito de trilhar os caminhos da oferta dos componentes curriculares comuns em consonância com a oferta de disciplinas num sistema de créditos. Assim, se poderá economizar o encontro dos professores com as turmas, fazendo com que eles possam se dedicar mais às atividades de pesquisa e extensão”, afirmou.

“Mas penso que a principal arrancada da Ufac nessa gestão é a de tirar um atraso de vários anos que a instituição tem, a partir do raciocínio de que ela começou com pouquíssimos cursos, e até há pouco tempo mantinha a mesma estrutura para manter os, agora, mais de 40 cursos. Para tirar esse atraso é que está sendo implementado nesse momento um sistema de total informatização das ações da universidade. Nesse sentido, é importante pontuar algumas ferramentas do sistema de informatização, como as informações diretas para registro acadêmico, portal do aluno e portal do professor. Somado a isso, ações aperfeiçoadoras da atividade docente e composição curricular enxuta constituem melhor qualidade, atrativo à permanência nos cursos, formação plena no menor tempo possível e combate às causas da retenção e evasão”, disse Renildo Cunha.

“E para o futuro imediato”, concluiu o pró-reitor, “penso que é vital o fortalecimento da articulação com governo e prefeituras para a alavancagem dos ensinos Fundamental e Médio, para melhoria da qualidade do aluno que chega à universidade, bem como do profissional que se quer disponibilizar ao mundo do trabalho.”

Administração: aporte de recursos e vagas para novos servidores ajudam a Ufac a cumprir o seu papel

Para o pedagogo Francisco Antônio Saraiva de Farias (foto), pró-reitor de Administração da Ufac, só se pode falar da evolução da universidade acreana na atual gestão fazendo uma ponte com a administração anterior. E cita como apoio para o seu argumento que o próprio *slogan* da campanha da atual reitora, professora Olinda Assmar, era o de “avançar mais”. Ou seja, os avanços que já existiam anteriormente continuaram acontecendo.

“Eu diria que o grande mérito da atual gestão foi a consolidação de metas herdadas da ges-

tão passada. Casos, por exemplo, dos projetos de expansão e de reestruturação - Reuni - do ensino superior, que eram metas do Governo Federal, cuja participação, do ponto de vista do aporte de recursos foi decisiva, concedendo vagas para novos servidores e professores e dando condição para investimentos em estrutura física”, explicou Saraiva.

“Outra coisa extremamente positiva empreendida pela atual gestão, no meu ponto de vista”, disse o pró-reitor, “foi a conclusão do Regimento Interno da Ufac, um documento que a professora Olinda

pegou inacabado. Eu acho que como marco regulatório das ações internas da universidade, a conclusão desse documento é algo para ser enfatizado e louvado, como conquista da atual administração da Universidade Federal do Acre”.

“E, por último, gostaria de enfatizar o bom momento que a Ufac vive, no que diz respeito a material disponível para a execução das atividades acadêmicas. Hoje trabalhamos com estoque, em vez de esperar as demandas para, então, adquirir os produtos requisitados pela comunidade”, afirmou o pró-reitor.



ntestam os avanços Federal do Acre

Pesquisa e Pós-Graduação: novos programas de pós-graduação e bolsas de iniciação científica

Para a pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac, professora Rusleyd Magalhães, a instituição viveu avanços significativos na pasta da qual é titular nestes últimos três anos. E enumera três bons exemplos.

1. Bolsas do Programa de Iniciação Científica - Pibic -. No período de 2007-2008, a Ufac tinha um total de 106 bolsas, das quais apenas 36 bolsas eram com recursos próprios da Ufac. As demais 70 bolsas eram com recursos do CNPq. Atualmente,

período de 2011-2012, o cenário é outro, pois das 371 bolsas, 220 são com recursos da Ufac e apenas 151 são oriundas do CNPq. Neste cenário a Ufac, vem investindo nestes últimos anos na pesquisa, em nível de graduação.

2. Aprovação do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Inovação e Tecnologia para a Amazônia, em 2010, com relevância para o desenvolvimento regional, principalmente na área de tecnologia e inovação, priorizada, atualmente,

pelos órgãos vinculados a pesquisa e pós-graduação.

3. Aprovação do Edital Alfa III da União Européia, no valor de 1.500.000 euros, única aprovação da região Amazônica, cujo objetivo principal é a criação do doutorado em Desenvolvimento Regional. O projeto aprovado conta com a participação da Costa Rica, Itália, Espanha, Peru e Bolívia, no oferecimento de cursos de pós-graduação *lato sensu*, dentre outras atividades integradas.

Extensão e Cultura: a manutenção de recursos e o apoio ao estudante estão entre as principais ações

No tocante à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, falou o pró-reitor Gilberto Dalmolin (foto), para quem nos últimos três anos a sua pasta avançou no que diz respeito à institucionalização e aprimoramento de algumas ações.

“Nós temos duas diretorias em atividade na nossa Pró-Reitoria. Uma voltada para programas e projetos de extensão e outra voltada para assuntos estudantis e comunitários. A primeira, onde nós temos procurado consolidar uma ação que, inclusive, começou na gestão anterior, que é a da manutenção de recursos administrados pela nossa unidade para ações de extensão, na forma de Edital, fazendo com que os gestores dos diversos projetos tenham acesso

a esses recursos com mais celeridade. Na segunda, nós temos procurado viabilizar o apoio ao estudante, principalmente àquele que dispõe de pouco recursos para se manter na universidade”, afirma Dalmolin.

“Mas, além disso, nós temos procurado, dentro da diversidade de demandas da Ufac, na área do esporte, na área da cultura, na área de apoio a eventos científicos, dar todo o apoio possível para que o estudante, de fato, participe. Então, dessa forma, nós temos gerenciado a nossa Pró-Reitoria, atendendo as demandas mais prementes da universidade. É claro que nós temos consciência que ainda estamos longe de garantir um atendimento ideal, mas, den-

tro do que nos é possibilitado, temos procurado fazer o melhor”, garantiu Gilberto Dalmolin.



Gestão de Pessoas: segurança jurídica e qualificação dos servidores da Ufac



“Logo que assumimos a Progep, em setembro de 2009, percebemos que muitos procedimentos careciam de segurança jurídica, quanto às concessões. Assim, nossa principal luta foi dar celeridade aos processos, bem como a devida segurança jurídica aos procedimentos, para que não surgissem dúvidas com relação às concessões e para que, no futuro, os servidores não fossem obrigados a devolver algum valor que houvesse sido pago indevidamente”, informou o pró-reitor Jaider Almeida (foto).

“Além disso”, ressaltou Jaider, “implantamos o programa de qualificação dos servidores técnico-administrativos, que desde o advento da Lei 11.091, em 2005, en-

contrava-se parado na instituição. Com a implementação desse programa, a Ufac realizou dezenas de cursos para os servidores, promovendo tanto a qualificação deles como a sua ascensão funcional.”

“Ao longo desses últimos dois anos também contamos com uma expressiva reposição de servidores, tendo em vista que a instituição, ou por motivo de aposentadoria ou por falecimento, estava bastante desfalcada, com muitas vagas ficando em aberto. Fizemos essa reposição de vagas e agora estamos na expectativa de mais 70 para este ano, esperando que o Governo Federal as libere logo, para poder sanar a deficiência de mão-de-obra de alguns setores”, concluiu o pró-reitor.

CURSOS EM RIO BRANCO							
Cursos Campus Rio Branco	Vagas Vestibular		Vagas Sisu	Inscritos Vestibular		Relação Candidato/Vaga	
	2010	2011		2010	2011	2010	2011
Artes Cênicas/Teatro – Licenciatura	40	40	0	112	120	2,8	3
Ciências Biológicas – Licenciatura	50	50	0	482	440	9,64	8,8
Ciências Sociais – Bacharelado	50	50	0	430	456	8,6	9,12
Com. Social/Jornalismo - Bacharelado	50	50	0	322	318	6,44	6,36
Direito – Bacharelado	50	50	0	1490	1398	29,8	27,96
Economia – Bacharelado	50	50	0	467	387	9,34	7,74
Educação Física - Bacharelado	50	50	0	345	333	6,9	6,66
Educação Física – Licenciatura Plena	50	50	0	705	633	14,1	12,66
Enfermagem – Bacharelado	30	30	0	613	682	20,433333	22,7333333
Engenharia Agronômica - Bacharelado	50	50	0	320	303	6,4	6,06
Engenharia Civil – Bacharelado	50	50	0	660	856	13,2	17,12
Engenharia Elétrica – Bacharelado	50	50	0	458	419	9,16	8,38
Engenharia Florestal – Bacharelado	80	80	0	769	732	9,6125	9,15
Física – Licenciatura Plena	50	50	0	115	132	2,3	2,64
Filosofia - Licenciatura Plena	50	0	50	200	0	4	0
Geografia – Bacharelado	40	40	0	136	148	3,4	3,7
Geografia – Licenciatura Plena	50	50	0	229	207	4,58	4,14
História Diurno – Licenciatura Plena	50	50	0	233	270	4,66	5,4
História Noturno – Licenciatura Plena	50	50	0	404	435	8,08	8,7
História Vespertino - Bacharelado	50	50	0	121	119	2,42	2,38
Letras/ Inglês – Licenciatura Plena	50	50	0	218	173	4,36	3,46
Letras/Francês – Licenciatura Plena	50	50	0	130	62	2,6	1,24
Letras/Português – Licenciatura Plena	50	50	0	221	254	4,42	5,08
Letras/Espanhol – Licenciatura Plena	50	50	0	378	338	7,56	6,76
Matemática – Licenciatura Plena	50	50	0	210	166	4,2	3,32
Medicina – Bacharelado	40	40	0	1767	1755	44,175	43,875
Medicina Veterinária - Bacharelado	50	50	0	562	556	11,24	11,12
Música – Licenciatura Plena*	40	20	20	1367	110	34,175	5,5
Nutrição – Bacharelado	50	50	0	779	709	15,58	14,18
Pedagogia – Licenciatura Plena	50	50	0	479	360	9,58	7,2
Química – Licenciatura Plena	50	50	0	174	158	3,48	3,16
Saúde Coletiva - Bacharelado	50	50	0	493	410	9,86	8,2
Sistemas de Informação - Bacharelado	50	50	0	419	359	8,38	7,18
TOTAL	1620	1550	70	15808	13798	0	-

Cursos Campus Floresta – Cruzeiro do Sul	Vagas Vestibular		Vagas Sisu	Inscritos Vestibular		Relação Candidato/Vaga	
	2010	2011		2010	2011	2010	2011
Ciências Biológicas - Bacharelado	50	50	0	189	194	3,78	3,88
Ciências Biológicas – Licenciatura Plena	50	50	0	484	558	9,68	11,16
Direito – Bacharelado	0	50	0	0	710	0	14,2
Enfermagem – Bacharelado	30	30	0	344	339	11,466667	11,3
Engenharia Agronômica - Bacharelado	50	50	0	211	211	4,22	4,22
Engenharia Florestal - Bacharelado	50	50	0	176	197	3,52	3,94
Letras/Inglês – Licenciatura Plena	50	50	0	62	137	1,24	2,74
Letras/Português – Licenciatura Plena	50	50	0	207	254	4,14	5,08
Letras/Espanhol – Licenciatura Plena	50	50	0	221	343	4,42	6,86
Pedagogia – Licenciatura Plena	50	50	0	479	290	9,58	5,8
TOTAL	430	480	0	2373	3233	0	-

VAGAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO POR TURNO	
Matutino	350
Vespertino	400
Noturno	630
Integral	720
TOTAL	2100

Planejamento: futuro de longo prazo é a próxima frente de luta

“A Pró-reitoria de Planejamento”, diz o titular da pasta, professor Francisco Eulálio Magnésio dos Santos, “dentro da estrutura da universidade, é uma das peças fundamentais da atividade-meio, onde são buscados os recursos que vão dar suporte à instituição”.

“Do ponto de vista dos avanços obtidos na atual gestão, pode-se dizer que a Pró-Reitoria de Planejamento contribuiu decisivamente em dois momentos distintos: na elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI - e no processo de informatização da universidade”, afirma Magnésio.

“O PDI, não é demais afirmar, é um instrumento base da universidade. É no PDI que todos podem encontrar as diretrizes de trabalho

e de ação a ser desenvolvidos, que venham a determinar o futuro da instituição. E quanto à questão da informatização, a nossa expectativa é que até o fim deste ano de 2012 nós estejamos com 80% das ações da Ufac informatizadas”, explicou o pró-reitor.

“Agora nós entramos em outra frente de luta, que é a definição do futuro de longo prazo da universidade. Isso porque nós temos planejado, via PDI, para quatro anos. Mas existe um novo instrumento, emanado do Ministério da Educação, chamado Plano Decenal. Então, o desafio que já se configura na nossa frente é pensar a projeção que queremos para esse tempo maior”, disse Francisco Magnésio.

Centro de Formação e Recursos Humanos é meta da Prodgep

JOSÉ CLÁUDIO MOTA PORFIRO

O futuro não é tão distante, mesmo para os que ousam sonhar com os pés no chão. Trilham-se caminhos tortuosos, ultrapassam-se obstáculos antes tidos como intransponíveis, enfrentam-se os monstros criados e tramitados pelos tecnocratas do destino, mas, enfim, as luzes do fim do túnel aparecem, de início, como fachos bem tênues e, depois, como o clarão de uma aurora acreana que anima a todos, apesar dos circundantes e dos corvos ao redor.

Mesmo levando em conta os tempos de controle e fiscalização exacerbados dos gastos públicos, apesar de uma certa aura negativa por sobre cabeças e ao redor de pescoços roliços, é preciso dizer a todos que os reveses e as derrotas acontecem, aqui e ali, felizmente, não todos os dias. É oportuna a reação que significa novos projetos e medidas que visem consertar o desconcerto que se observa. Ir em frente é extremamente necessário, sempre, uma vez que o futuro é construído pelas nossas decisões diárias, inconstantes e mutáveis, e cada evento influencia todos os outros.

Assim é que se veste de muita importância ressaltar o contato verbal mantido entre esta Pró-Reitoria e o Deputado Federal Sibá Machado, ocorrido quando da sua visita esta Universidade há alguns dias. Na ocasião, acordamos em elaborar a presente proposta se-

gundo as especificidades e os fins a seguir apostos.

Consideramos que a grande meta das organizações, nos dias atuais, é a formação e o progresso do seu quadro de pessoal. A Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas trabalha, hoje, levando em consideração ser imprescindível que os sonhos tenham como vetor de realização o desenvolvimento do ser humano substanciado pelas ações concretas que levarão às grandes conquistas institucionais.

Então, como as maiores instituições de ensino superior, esta Ifes precisa, também, de espaços condizentes que tenham como objetivo a formação dos seus recursos humanos. Hoje, em vista de tal insuficiência, esta Pró-Reitoria tem sempre se visto na contingência constrangedora e incômoda de negociar espaços com outras unidades institucionais, o que por vezes leva ao cancelamento e/ou adiamento de atividades e eventos até mesmo planejados com bastante antecedência. São as prioridades que outros dirigentes elegem porque também eles precisam do que lhes está sob a responsabilidade, o que é perfeitamente compreensível.

Assim, em vista do exposto acima, vimos propor que seja elaborada uma emenda ao Orçamento da União para que, assim, esta Universidade venha a ter o seu próprio Centro de Formação de Recursos Humanos, órgão adido a esta Pró-Reitoria. Tudo se resumiria à construção de um prédio de dois pavimentos onde funcionari-



FOTOS: ALLEN FERRAZ

Servidores da Ufac estão em constante processo de qualificação

am, no andar térreo, um centro de atendimento para o servidor (ativos, aposentados, seus dependentes e pensionistas) - uma espécie de OCA - para serviços oferecidos pelas unidades da Prodgep, como sejam a Diretoria de Gestão de Pessoas, a Diretoria de Desempenho e Desenvolvimento e a Diretoria de Saúde e Qualidade de Vida, inclusive, com a implantação definitiva do espaço da Unidade SI-ASS-UFAC, de acordo com a nova Política de Atenção à Saúde e

Segurança do Trabalho do Servidor Público Federal - PASS, implementada pelo Governo Federal em 2007.

No andar superior, teríamos as instalações de um pequeno auditório, de oitenta a cem lugares - destinado a eventos para todo o pessoal da Universidade - salas de aula multimídia e um laboratório com sessenta microcomputadores, para a realização dos nossos cursos de formação; e uma academia de ginástica moderna-

mente aparelhada, com banheiros bem estruturados de forma a bem atender os servidores que os utilizarão nos intervalos dos períodos de trabalho.

Importa observar que uma academia de ginástica, se bem estruturada, frequentada e com instrutores de formação adequada, garantirá significativas melhorias no aspecto relativo à saúde e à qualidade de vida, o que terá como consequência uma melhor disposição para o trabalho.

Vislumbrando um certo amanhã

A melhor forma de nos prepararmos para o futuro é concentrar toda a imaginação e entusiasmo na execução perfeita do trabalho de hoje. Se as metas forem convenientemente traçadas, o esforço de cada um é que apontará o melhor caminho a ser seguido para a consecução dos fins.

Entende-se que há uma parcela significativa de servidores em vias de se aposentar. A estes a Instituição deverá agradecer solenemente pelos serviços prestados ao longo dos anos. Todavia, além deste dever de gratidão, há que refletirmos muito acerca dos mais novos, estes que estão chegando por aqui, agora, mesmo considerando os salários irrisórios que lhes pagamos o que muitas vezes os levam a tentar a sorte em outras esferas do serviço público federal.

Desta forma, os servidores em geral e, mais especificamente, os mais novos e promissores terão colocados ao seu dispor cursos de

pós-graduação em nível de Especialização, Mestrado e Doutorado, de forma a que, paulatinamente, consigamos colocá-los à frente das unidades institucionais dirigentes - pró-reitorias e afins - e, assim, daremos um grande salto rumo à melhoria da qualidade do ensino.

Enfim, liberaremos os nossos pós-doutores, doutores e mestres dos cargos de direção que só os sufocam, e esses, com a experiência adquirida ao longo dos anos, retornarão às salas de aula e, lá, certamente, darão novos rumos à perfeita efetivação do ensi-

no, da pesquisa e da extensão com a qualidade que a Ufac requer para deixar de lado o provincialismo que tolhe talentos e reprime demandas.

Aí, então, por fim, alcançaremos o pleno desenvolvimento que todos um dia sonhamos.

Segundo Daniel Faria Esteves, Diretor de Desempenho e Desenvolvimento, *será necessário, também, forjar nos servidores o hábito segundo o qual "vestir a camisa" da Instituição, independente de quem seja o gestor ou o diretor, é sempre*

algo de positivo. As funções são perenes, a designação passa, mas

Entende-se que há uma parcela significativa de servidores em vias de se aposentar. A estes a Instituição deverá agradecer solenemente pelos serviços prestados ao longo dos anos. Todavia, além deste dever de gratidão, há que refletirmos muito acerca dos mais novos



Sibá Machado, parceiro da Ufac

Ufac desenvolve projeto de criação de animais silvestres

FRANCISCO DANDÃO

Um convênio entre a Secretaria de Agropecuária do Estado do Acre (Seap), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Universidade Federal do Acre (Ufac) tem permitido, desde 2004, o desenvolvimento de um interessante programa de criação de animais silvestres. Tão interessante que já foi até tema de uma reportagem em rede nacional, levada ao ar pela Rede Globo de Televisão.

O programa, denominado *Criatório de Animais Silvestres Caboclinho da Mata*, sob a coordenação da médica veterinária Vânia Ribeiro, doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e professora do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza da Ufac, tem como meta principal a criação dos referidos animais em cativeiro, como alternativa conservacionista e comercial na



Criatório de pacas na Fazenda Experimental Catuaba

Amazônia brasileira.

O criatório onde os animais são albergados situa-se na Fazenda

Experimental Catuaba, no município de Senador Guiomard, dispondo de três recintos, com capaci-

FOTOS: CEDIDAS

dade para receber 60 pacas, 30 capivaras e 30 catetos. Além disso, sete dos 819 hectares da fazenda são destinados às atividades do projeto, sendo usados para a plantação de culturas perenes e temporárias destinadas à alimentação dos animais.

Quanto às espécies animais escolhidas para fazerem parte do projeto, a opção deu-se por conta do fato de que tanto capivaras quanto catetos e pacas apresentarem alto potencial zootécnico para serem produzidas na região, por adaptarem-se às condições de cativeiro, e por produzirem carne de excelente qualidade. No caso da capivara e do cateto, até o couro e os dentes podem ser largamente aproveitados do ponto de vista comercial.



Veterinárias Vânia Ribeiro, da Ufac, e Maria do Carmo, da Seap

A valorização da fauna pelo manejo sustentável

Entusiasmada pelos resultados obtidos até aqui e pelas perspectivas de futuro do projeto de criação de animais silvestres em cativeiro, a professora Vânia Ribeiro conversou com a reportagem do *Jornal da Ufac* e deu mais explicações sobre as atividades realizadas na Fazenda Experimental Catuaba.

Jornal da Ufac – Professora, por favor, explique as atribuições específicas da Seap, da Embrapa e da Ufac no projeto?

Vânia Ribeiro – Tudo começou quando eu fui convidada pela Secretaria de Agropecuária, na época ainda do Governo Jorge Viana, para fazer um projeto que contemplasse a criação de animais silvestres, de forma que a nossa fauna também fosse valorizada e se pudesse demonstrar que ela poderia ser explorada de forma sustentável. Não somente a flora, mas a fauna também. E daí, já nesse começo, a gente pediu o apoio da Embrapa, que nos ajudou a elaborar os primeiros projetos. Em seguida, entrou a Ufac, que passou a participar de forma efetiva, não somente com a cessão da professora responsável pelo andamento da atividade, mas também com a área onde tudo viria a acontecer. A Seap participa até hoje das atividades do projeto, disponibilizando, inclusive, pessoal técnico para o cuidado do que a gente chama de quintal e para trabalhar na produção dos alimentos para os animais. E hoje, pode-se dizer que as duas entidades que continuam diretamente envolvidas no projeto têm objetivos comuns e distintos ao mesmo tempo. Isso porque enquanto nós da universidade esta-



Doutora Vânia Ribeiro faz ultrassonografia numa paca

mos mais preocupados em produzir conhecimentos científicos sobre as espécies, a Seap se detém mais na questão de desenvolver tecnologias para a expansão de criatórios, nos mesmos moldes, em outros municípios. E no que diz respeito a objetivos comuns, tanto a Ufac quanto a Seap trabalham no sentido de dar assistência técnica às pessoas interessadas na criação das espécies estudadas.

Jornal da Ufac – E sobre o processo da chegada dos animais ao criatório, como é que ele se dá?

Vânia Ribeiro – Antes de tudo a gente tem de ter a autorização do órgão ambiental. No caso, o Ibama [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis]. Essas espécies com as quais a gente trabalha, o Ibama autoriza a captura. Hoje, no criatório, nós temos alguns animais que são produto de captura e outros, por incrível que pareça, a gente pegou de doação. Na verdade, nesse projeto que a gente executa, a captura somente foi feita para

a gente formar o plantel inicial. Nesse momento a gente já tem um plantel relativamente grande, por conta da reprodução daqueles exemplares inicialmente capturados. O que a gente tem o cuidado nessa questão da reprodução é o de não deixar acontecer o cruzamento entre parentes. Isso para que não haja nenhum problema de consaguinidade, porque o efeito, em casos assim, é o mesmo que nos cruzamentos humanos. Podem nascer filhos com defeitos genéticos. Com esse cuidado, nós teremos sempre uma população bastante saudável para a realização dos nossos estudos, sem a necessidade, portanto, de ir à floresta para a realização de novas capturas.

Jornal da Ufac – De 2004 até hoje, quais os principais resultados do projeto?

Vânia Ribeiro – Os resultados principais dizem respeito ao conhecimento, à melhor forma de criar essas espécies, e da certeza de que elas tem um potencial zootécnico muito bom, podendo ser cria-

das da maneira que a gente demonstra. Por exemplo, nesse sentido de maneira de criar, lá no projeto a gente não dá ração para os animais. Eles são criados consumindo alimentos produzidos lá mesmo na fazenda, bem como com alimentos produzidos na floresta. Por outro lado, o tipo de instalação que a gente tem na fazenda é uma instalação muito barata. É uma instalação que qualquer pessoa que tenha interesse em trabalhar com essa atividade pode construir. Com esse tipo de alimentação e instalação que a gente usa no projeto, os animais vão reproduzir facilmente. E reproduzindo eles vão gerar produtos em abundância que podem ser comercializados. No nosso caso, além da gente ceder matrizes para pessoas interessadas nesse tipo de criação, vários desses animais também já foram soltos na floresta, justamente para prevenir, nas chamadas ilhas florestais, aquelas endogamias. Além de tudo isso, há ainda, em relação ao futuro, a possibilidade de aproveitamento dos animais na gastronomia. Uma coisa que a gente pretende para muito breve. Agora mesmo nós fizemos uma pesquisa junto ao mercado e à população local para saber o interesse dos consumidores pela carne silvestre. Para nossa surpresa, noventa e oito por cento das pessoas entrevistadas disseram já ter consumido esse tipo de carne. Não somente consumiram como afirmaram que gostariam de continuar consumindo. Existe, então, um mercado consumidor bastante interessado. Posso até dizer que restaurantes e açougues ainda não trabalham com carne silvestre porque ainda não existe uma disponibilidade su-

ficiente de criação.

Jornal da Ufac – Quais as perspectivas futuras do projeto?

Vânia Ribeiro – As perspectivas são as melhores possíveis. Se a gente pegar a paca como exemplo e aplicarmos na espécie técnicas de reprodução, que, inclusive, já são amplamente utilizadas em outros animais domésticos, a gente pode elevar significativamente a capacidade de crescimento do plantel, com um ganho de capital inimaginável. Vou usar o exemplo da vaca, para facilitar o entendimento. Se ela te dá um bezerro ao ano, com técnicas de biotecnologia da reprodução ela pode te dar até cinquenta bezerros. É certo que esse procedimento ainda não é muito barato, mas se você olhar pelo lado do custo benefício, o resultado é altamente satisfatório. Mas voltando para o nosso projeto, nós fizemos um trabalho usando técnicas da biotecnologia da reprodução com a paca, conseguindo que ela tivesse gêmeos. A paca é um animal que dá, no máximo, duas crias ao ano e, normalmente, apenas uma cria por parto. Além disso, a paca é um animal que é altamente consumido, altamente predado e com uma taxa reprodutiva muito baixa... Com as técnicas que a gente tem utilizado, acreditamos que no futuro, confirmando-se a elevação da taxa da natalidade induzida pelos nossos experimentos, haverá uma boa perspectiva de preservar esse animal. A gente aumentou em cinquenta por cento a produção de crias. Penso que não poderia haver melhor resultado no sentido da preservação dessa espécie.



Turma de alunos do curso de Formação Docente para Indígenas, no Campus Floresta

Saberes químicos indígenas em Cruzeiro do Sul

PAULO CÉSAR PINHEIRO

Estive na Universidade Federal do Acre (Ufac) no período de 20 de maio a 4 de junho de 2011, atuando como professor no curso de Formação Docente para Indígenas, no campus Floresta, em Cruzeiro do Sul. Minha estada se deu mediante convite da professora Valquíria Garrote, que me localizou na internet em suas buscas por professor de química com perfil adequado para o curso.

Eu trabalho como docente na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), em Minas Gerais, atuando mais diretamente na formação de professores de química, sendo que, como pesquisador, me dedico ao estudo de saberes e práticas populares que mantém relações com a educação em ciências.

Durante o tempo em que estive na Ufac, interagi diretamente com 13 acadêmicos/as indígenas em duas disciplinas da área de Ciências da Natureza: Química Aplicada e Princípios de Química Orgânica, ambas com 50 horas de duração, mais 25 horas de fase intermediária, as quais ocorrem nas aldeias.

Ao iniciar os trabalhos, comentei com os alunos sobre a necessidade de conhecer melhor a cultura deles, para poder adequar o ensino. Disse também que enquanto ainda estávamos nos conhecendo, iria apresentar-lhes um pouco da cultura mineira e os saberes químicos nela presentes. Esses exemplos funcionariam como exemplos para que eles pudessem, posteriormente, analisar suas

realidades sob o mesmo ângulo. Desse modo, analisamos a produção do sabão de cinzas, do doce de leite e do polvilho azedo durante as aulas, utilizando computadores, um sistema hipermídia e vídeos. Os alunos logo foram revelando seus saberes sobre o uso das cinzas na limpeza, criticaram o modo de produção do polvilho azedo a partir da macaxeira visto no vídeo e deram vários exemplos de como a macaxeira é utilizada em suas culturas.

Depois, exploramos os saberes indígenas sobre os motivos pelos quais os remédios curam, realizamos entrevistas na comunidade acadêmica a esse respeito, assistimos vídeos com explicações da ciência e discutimos as visões científica e indígena sobre o efeito da ayahuasca no organismo.

Brincamos também com modelos moleculares usando massinha de modelar, realizamos leituras e interpretação de rótulos de produtos de limpeza em um supermercado, visitamos o laboratório de química para conhecer seus materiais e realizar alguns experimentos, fizemos pesquisa na internet sobre os materiais presentes no lixo das aldeias, definindo composição química, tempo de degradação no ambiente e formas de tratamento, lemos um texto sobre drogas antimalária, realizamos a representação de fenômenos físicos e químicos usando desenhos e o próprio corpo e exploramos jogos, como um baralho sobre os principais grupos de substâncias orgânicas, um tabuleiro denominado "Caminhos da Química", com dados e peões, onde tiveram que responder perguntas fáceis, médias e difíceis sobre os conteúdos aborda-

dos nas aulas, e um jogo do tipo Quiz, onde dois grupos competiram entre si. Os jogos foram formas lúdicas de avaliar a aprendizagem e de continuar aprendendo.

Notei que os indígenas tinham pouco hábito de trabalhar em grupo e chamei atenção deles para a importância desse tipo de organização nas tarefas escolares. Eles se mostraram muito aplicados nas aulas, copiando tudo, realizando as atividades propostas com zelo e dedicação, fazendo perguntas e expressando seus próprios conhecimentos e idéias.

Outra experiência interessante foi a interação com os alunos da UFSJ usando o recurso da filmagem em vídeo. Os alunos da UFSJ fizeram perguntas variadas aos indígenas e esses responderam com atenção.

Desejo parabenizar a Ufac pela iniciativa do curso de formação docente indígena e aproveitar para dizer aos alunos o quanto gostei de trabalhar com eles em Cruzeiro do Sul. Ao retornarem às suas aldeias, eles terão agora a incumbência de escrever narrativas sobre saberes químicos presentes em suas comunidades, usando a escrita, a fotografia e o vídeo, quando possível. Desse modo, teremos a oportunidade de trazer um pouco dos saberes químicos indígenas para o universo escolar dos brancos, configurando assim uma nova possibilidade de interação e aprendizagem na área de ciências da Natureza.

Professor do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Federal de São João del-Rei.

Liros e Idéias

FRANCISCO DANDÃO

Obra: Vida e Morte na Amazônia Indígena
Autor: Marcus Vinícius Aguiar Macedo
Editora: Edufac

Vida e Morte na Amazônia Indígena – As Invasões Madeireiras e os Povos Ashaninka é a busca de uma solução no âmbito das relações internacionais para a devastação ambiental da Amazônia em zonas de fronteira causada pelo desmatamento ilegal praticado por madeireiros peruanos na reserva dos Ashaninka.

Trata-se de um estudo de caso da etnia indígena citada no título, tendo como foco principal

a busca de uma solução no âmbito das relações internacionais para a devastação ambiental da Amazônia em zonas de fronteira causada pelo desmatamento ilegal praticado por madeireiros peruanos na reserva dos Ashaninka.

À venda na Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), campus universitário, anexo à Biblioteca Central.



Obra: Sustentabilidade na Amazônia
Autores: Ecio Rodrigues e Aurisa Paiva
Editora: Andiroba

Assinado por Ecio Rodrigues e Aurisa Paiva, *Sustentabilidade na Amazônia* percorre três eixos temáticos.

Primeiro: uma retrospectiva da sucessão de procedimentos internacionais que culminaram nas reuniões de cúpula da ONU, cujo tema foi Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Segundo: uma análise dos avanços e anacronis-

mos dos mecanismos de gestão ambiental adotados no Brasil.

Terceiro: uma discussão do uso dos instrumentos econômicos baseados no princípio do poluidor/pagador, parâmetro mais atualizado para se aferir a internalização das externalidades ambientais no sistema econômico.

À venda nas livrarias de Rio Branco.



Obra: Colégio de Aplicação e Formação de Professores
Autor: Minoru Martins Kinpara
Editora: Edufac/Idéia

Terceiro livro do professor Minoru Martins Kinpara, doutor em Educação pela Universidade de Salamanca (Espanha), esta obra se propõe a analisar a vinculação dos Colégios de Aplicação com a formação de professores, a partir da investigação de quatro fatores: os motivos da criação da referidas unidades escolares; seus respectivos vínculos históricos; a concepção inicial da

instituição; e as mudanças pelas quais os CAP's passaram ao longo da sua história.

Em b o r a não se trate, necessariamente, de um estudo de caso, a motivação para a realização dos estudos que determinaram a publicação do livro foram os inúmeros problemas, num contexto macro, enfrentados pelo Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre. À venda nas livrarias de Rio Branco.



Diretor fala sobre a política de editoração da Ufac

FRANCISCO DANDÃO

Fundada em 2003, a Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac) conta hoje com mais de cem títulos no seu catálogo, com publicações nas mais diversas áreas, tanto de membros da comunidade universitária quanto do público externo, sendo que grande parte dessas obras foi publicada nos últimos três anos, na gestão do diretor José Ivan da Silva Ramos, professor lotado no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET), doutor em Matemática pela Universidade de Brasília (UnB).

Foi para falar sobre a trajetória até aqui e das perspectivas futuras da Edufac que José Ivan da Silva Ramos concedeu a entrevista que segue ao *Jornal da Ufac*.

***Jornal da Ufac* – Professor, fale-nos, por favor, a respeito da criação da Edufac. Em que momento a Ufac sentiu necessidade de contar com os serviços de uma editora própria?**

José Ivan – A criação da editora da Ufac, institucionalmente falando, deu-se em 2003. Digo institucionalmente porque a movimentação para a criação da editora começou bem antes de 2003, mas, como entidade jurídica ela somente veio à luz no ano de 2003. E isso precisou acontecer, fundamentalmente, pelo fato de que a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação não tinha mais como colocar dentro das suas atribuições a responsabilidade pelas publicações das mais diversas pesquisas que todos os nossos professores e alunos estavam realizando. Acho que essa dificuldade foi o fato que mais impulsionou a criação da editora, sob pena de, caso isso não acontecesse, a universidade ficasse impossibilitada de atender à demanda da divulgação, de uma forma mais justa e mais ampla das centenas de trabalhos acadêmicos produzidos todos os anos.

***Jornal da Ufac* – Qual é a política editorial da Edufac? Quem é e o que é que se pode publicar? Como é que se dá o processo de seleção das obras que são editadas?**

José Ivan – A política editorial se concentra nos livros, nas cartilhas e em revistas. Quanto a quem e o que pode ser publicado, nós damos preferência para autores que tem vínculo com a instituição. No caso, professores, pesquisadores, visitantes, alunos. Mas também tem espaço para pessoas da comunidade. Aqueles que, por edital público ou por autonomia de recursos, procuram a editora para publicar seus trabalhos. Quanto à questão da escolha das obras que serão publicadas, o mecanismo que a gente costuma usar é o de sempre submetê-las a pareceris-



Professor José Ivan da Silva Ramos, diretor da Edufac

tas pesquisadores nos assuntos relacionados, que emitem suas opiniões sobre as publicações que efetivamente serão materializadas. Como a gente não tem ainda uma livraria, nem mesmo uma licença para a venda de livros, a gente procura atender todas as demandas que chegam à editora. É claro que a gente tem uma preocupação em não publicar obras que, de alguma maneira, possam ofender a moral nem a religião. Isso é o que, em princípio, poderia interferir na edição e publicação de alguma obra pela Edufac.

***Jornal da Ufac* – Como é feita a distribuição dos livros publicados pela Edufac?**

José Ivan – A gente tem investido muito na questão da divulgação, com a criação da página *on line* da editora e com a distribuição efetiva, logo que um novo trabalho é editado, às bibliotecas do Estado e à Biblioteca Nacional. O fato de a gente estar associado à Abeu [Associação Brasileira das Editoras Universitárias] faz com que os nossos títulos recebam, de vez em quando, alguns comentários, alguns elogios, em nível nacional, o que dá, nesses casos, uma visibilidade maior. No que diz respeito à página da editora, aproveitando aqui a oportunidade da nossa conversa, ela pode ser acessada através do site da Ufac, no endereço www.ufac.br. Chegando nesse local, o usuário deve clicar no link “publicações”. Esse é o caminho mais direto. Mas também se pode achar muito facilmente pelo sistema de busca da ferramenta *Google*. A pessoa vai lá e digita Edufac. Em seguida aparecerão inúmeras opções de acesso às informações da nossa editora.

***Jornal da Ufac* – De onde vem o recurso para a publicação das obras?**

José Ivan – Como eu disse antes, a nossa editora não vende ainda através de livrarias. Os pequenos recursos que são arrecada-

dos com a venda dos livros publicados entram na contabilidade da editora através de uma Guia de Recolhimento Único [GRU], que leva o CPF do comprador, no que se configura um sistema ainda muito primário de venda. Mas, o grosso dos recursos para publicação vem geralmente do orçamento da universidade. Os editais que a gente tem lançado são executados com recursos próprios da instituição. Naturalmente que esses recursos são escassos, o que faz com que nem tudo que a gente gostaria de colocar para os consumidores seja possível, de fato, fazê-lo. Mas ressalve-se que não existe nenhum tipo de proibição no sentido de que os autores ou os grupos que tem os seus projetos editoriais banquem tanto a impressão quanto a diagramação do livro dos respectivos livros.

***Jornal da Ufac* – Em sua opinião, professor José Ivan, o que significa publicar um livro em um mundo de cada vez menos leitores, permeado de imagens?**

José Ivan – Eu penso que publicar um livro hoje, nesse mundo de superexposição de imagens, parece mais uma questão de realização pessoal do autor. É possível perceber hoje, por exemplo, que cada vez, tanto os autores quanto as editoras se preocupam com a questão da apresentação da obra. Às vezes, até, sem a correspondência devida no que diz respeito ao conteúdo. As capas, as fotografias e os textos, na sua maioria, tomam-se cada vez mais coloridos. E quando isso não acontece, parece que a obra fica também meio esquecida. A questão da internet, a velocidade com a qual as informações são postadas no meio eletrônico, tem também o poder hoje de causar mais atração no leitor do que o formato livro. Como professor, eu também acho que os livros didáticos são vítimas desse processo universal e que, ao que tudo indica, não pode ser contido. Livros que, às vezes, tem um ótimo

conteúdo e que passam com precisão as informações e as pesquisas que são feitas pelo mudo, ficam muitas vezes para trás na fila de livros que possuem uma apresentação mais atrativa do ponto de vista do visual.

***Jornal da Ufac* – E sobre a questão das revistas? Quantas são hoje publicadas pela Edufac? Quais as formas dessas revistas? E quem pode publicar nelas?**

José Ivan – Quanto às revistas, nós temos, basicamente, quatro publicações. Destas, três são eletrônicas, ou seja, veiculadas na internet, e uma é impressa. A revista impressa é, exatamente, uma publicação editada em parceria com a Fundação de Cultura Elias Mansour, do Governo do Estado. Ela chama-se *Uirapuru* e é voltada essencialmente para o segmento do turismo, mostrando as diversas possibilidades desse tipo de atividade na região acreana. Duas revistas que aceitam artigos desenvolvidos por estudantes universitários e professores, chamadas, respectivamente, *Seringal de Idéias* e *Ramal de Idéias*. E tem, ainda, a revista *Elementos*, que é uma publicação que acaba de receber o ISSN [*International Standard Serial Number*], mais voltada para temas relacionados com a questão da álgebra. Esta sob a direção de professores das Ciências Exatas

da Ufac, mais precisamente da área de álgebra.

***Jornal da Ufac* – Quais as possibilidades de crescimento da Edufac?**

José Ivan – A editora precisa de vitrines, onde ela possa colocar de forma mais aberta as obras que tem publicado. Existe um volume muito grande de livros recentemente publicados e existem, pelo menos, seis títulos prestes a serem lançados. E a idéia da livraria, eu acho que é o passo mais emergencial nesse momento. Se a gente tivesse uma livraria, com uma boa vitrine, um lugar onde a gente pudesse desenvolver essa rotina da venda de forma mais apropriada, certamente teríamos um melhor desempenho, uma vez que as obras circulariam com mais facilidade. Já há uma previsão de local para o funcionamento da livraria. Nós, inclusive, já indicamos para a administração superior o que deve ser comprado para o funcionamento da livraria. O que a gente está procurando agora, com o auxílio dos nossos juristas, é verificar como isso poderá funcionar. Essas são as nossas preocupações no momento, mas a administração superior tem acenado favoravelmente quanto a essa possibilidade da gente realizar essa ampliação definitiva das nossas atividades.

Livros recentes

Quatorze livros foram publicados pela Edufac nos últimos dois anos. Confira, abaixo, a lista completa.

■ 1. **Acre (Anos) de Cinema: Uma História Quadro-a-Quadro de Jovens Cineastas (1972-1982)** - Hélio Moreira da Costa Júnior - 2010.

■ 2. **Cumprindo Trajetos, Refletindo sobre a Memória: Colonos e Seringueiros Migrantes em Rio Branco, Acre - Uma Abordagem Antropológica** - Laís Maretti Cardia - 2010.

■ 3. **Do Manso ao Guardião da Floresta: Estudo do Processo de Transformação Social do Sistema Seringal, a Partir do Caso da Reserva Extrativista Chico Mendes** - Benedita Maria Gomes Esteves - 2010.

■ 4. **Linguagens e Identidades da/Na Amazônia Sul - Ocidental, Vol. 1** - Sheila da Costa Mota Bispo (Org.) - 2010.

■ 5. **Linguagens e Identidades da/Na Amazônia Sul - Ocidental, Vol. 3** - Sheila da Costa Mota Bispo (Org.) - 2010.

■ 6. **Linguagens e Identidades da/Na Amazônia Sul - Ocidental, Vol. 4** - Sheila da Costa Mota Bispo (Org.) - 2010.

■ 7. **Madeira que Cupim não Rói, Xapuri em Arquitetura, 1913 A 1945** - Ana Lúcia Costa - 2010.

■ 8. **Mulheres Trabalhadoras Rurais em Movimento: Uma História de Resistência - Vales do Acre e Médio Purus, 1988-1998** - Tereza Almeida Cruz - 2010.

■ 9. **Práticas, Rituais de Avaliação e Cultura da Escola** - Mark Clark Assen de Carvalho - 2010.

■ 10. **Processos de Territorialização e Identidades Sociais, Vol. 1** - Elder Andrade de Paula (Org.) - 2010.

■ 11. **Colégio de Aplicação e Formação de Professores** - Minoru Martins Kinpara - 2011.

■ 12. **I Colóquio de Estudos de Gênero na Amazônia: Poder e Violência Doméstica - 2011** - Luciana Marino do Nascimento e Margarete Lopes - 2011.

■ 13. **Linguagens e Identidades da/Na Amazônia Sul - Ocidental, Vol. 2** - Sheila da Costa Mota Bispo - 2011.

■ 14. **Resistência Camponesa e Desenvolvimento Agrário: Uma Análise a partir da Realidade Amazônico-Acreana** - Silvio Simione da Silva - 2011.

Tese analisa problemas e desafios da Sesacre na gestão do SUS

FRANCISCO DANDÃO

O Centro de Ciências da Saúde e do Desporto da Universidade Federal do Acre (Ufac) ganhou mais uma doutora em julho de 2011. Trata-se da professora Valéria Rodrigues da Silva, que defendeu, na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, a tese *Gestão Pública do SUS na Amazônia Ocidental – Problemas Antigos e Desafios Contemporâneos da Secretaria de Estado da Saúde do Acre 2000-2007*.

Sob orientação da doutora Maria Helena Magalhães de Mendonça, a tese da professora Valéria Rodrigues da Silva tratou de dissecar, mais especificamente, as quatro maiores funções do tema proposto, quais sejam: as diretrizes políticas de saúde brasileira, a definição da missão e modelo de gestão praticado, os modos de coordenação para a efetiva operacionalização dos planos de saúde e responsabilidades estaduais.

As questões do estudo empre-

endido pela professora Valéria Silva partiram da revisão da literatura estruturada para compreender onde estavam situados os principais obstáculos da gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e a delimitação do problema da gestão na Secretaria de Estado de Saúde do Acre (Sesacre). Neste último aspecto, Valéria percorreu um caminho desde o contexto geral até aos detalhes do tema.

Três grandes indagações serviram de rumo para a pesquisa de Valéria Silva.

Primeira indagação: qual a capacidade de gestão da Sesacre para coordenar o sistema estadual de saúde, operacionalizar o Plano de Saúde, criar condições de planejamento, monitoramento, equipe técnica e de responsabilização diante das adversidades inerentes ao sistema?

Segunda indagação: como os procedimentos no nível de departamento eram conduzidos pelos gerentes para viabilizar a execução do Plano de Saúde?

Terceira indagação: quais eram as condições de operacionalizar

tecnicamente as propostas oriundas dos Planos e dos planejamentos nas gerências do primeiro nível hierárquico, a partir da existência, ou não, de alguma forma de compromisso ou responsabilidade na prestação de contas internamente às gerências de departamentos?

Para responder a essas indagações e levar a cabo sua tese, Valéria Silva escreveu cinco capítulos. No primeiro, delimitou o campo da gestão e do SUS; no segundo, fez um recorte histórico dos conflitos até a constituição do Estado do Acre, e os serviços de saúde, delimitando a questão em termos de atuação do Estado e das parcerias com instituições religiosas e dos projetos do governo para a região; no terceiro, analisou as diretrizes políticas com relação ao tema; no quarto, tratou da operacionalização das demandas emanadas dos Planos de Saúde; e no quinto, avaliou as questões dos compromissos internos e responsabilidade no que diz respeito à prestação de contas.

FOTOS: FRANCISCO DANDÃO



Doutora Valéria Rodrigues da Silva

A formulação dos planos estaduais de saúde

Os planos estaduais de saúde, formulados a partir do ano 2000 e com vigência até 2007, foram documentos importantes usados pela professora Valéria Rodrigues da Silva para compre-

ender o seu objeto de estudo.

O primeiro desses planos, projetado para o período de 2000 a 2003, apresentava as proposições da política delineada na III Conferência Estadual de Saúde. Mas,

durante os quatro anos de vigência do plano, explica Valéria Silva, “ocorreram três mudanças de secretários de Estado de Saúde, sendo que um ficou respondendo interinamente até a nomeação do titular da pasta por quase um ano (...). A falta de definição do gestor (...) e da equipe causou uma instabilidade em toda a Secretaria, refletindo também nas secretarias municipais e acarretando um período de estagnação e indefinição na condução política da Sesacre”.

Já a formulação do segundo plano, válido para o período de 2004 a 2007, teve um contexto diferente: o processo de descentralização praticamente já havia sido consolidado, além de que o papel político dos conselheiros de saúde em relação ao controle social já estava mais definido. “Esse segundo plano”, diz Valéria Silva, “teve a participação da sociedade civil e de entidades que não eram exclusivamente da saúde, resultando na ampliação da representatividade das discussões”.

“Em linhas gerais, pode-se dizer que segundo Plano Estadual priorizava modernizar o gerenciamento da Secretaria de Saúde do Estado do Acre”, afirma Valéria Silva.



Sede da Secretaria de Estado de Saúde do Acre

Triângulo de ferro negativo

No entender da agora doutora Valéria Rodrigues da Silva, dois motivos principais tornaram o seu trabalho um desafio acadêmico importante. Primeiro, por tornar possível compreender como é a condução de uma Secretaria de Estado de Saúde dentro dos limites regionais. E segundo, pela necessidade de se demonstrar como foi a implementação de um sistema único de saúde diante das adversidades existentes.

No que diz respeito à conclusões do trabalho, destaque para três.

Uma delas, a de que a “Sesacre desenvolve uma gestão compreendida como triângulo de ferro negativo, onde as principais características indicam para centralização de poder nas escalas hierárquicas próximas ao Gabinete do Secretário”.

Outra conclusão, a de que no tocante à direcionalidade da Sesacre, “houve um esforço de estabelecer as condições de gestão, no entanto, ocorreram diversos problemas relacionados à falta de maturidade dos processos administrativos”.

E uma terceira conclusão, a de que “a falta de acordos e definições políticas resultou numa imprecisão para a gestão”.

Como aconselhamento final, Valéria Silva afiança ser “estratégico estabelecer uma agenda nacional de enfrentamento dos problemas de gestão das secretarias de saúde de estados e municípios, mediante diagnósticos bem elaborados e amplamente debatidos, como ponto de partida para fortalecer o SUS e as políticas públicas de saúde”.